

**"O CONTO DA AIA":
ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA DO PONTO DE VISTA ARQUITETÔNICO
ESPACIAL**

*"EL CUENTO DE LA MANO":
ANÁLISIS DE LA OBRA LITERARIA DESDE EL PUNTO DE VISTA
ARQUITECTÓNICO ESPACIAL*

Lorena Correa de Arruda¹
Suy Mey Schumacher Moresco²

RESUMO: A Arquitetura e o Urbanismo como produtor estrutural indireto ou direto contribuem muito ao pensamento, ao conforto na vida das pessoas e ao uso ou não dos seus direitos. Logo, temos como tema principal deste estudo uma análise e reflexão sobre o poder presente no espaço e sobre a liberdade agregada ao uso do espaço/tempo, incluindo as reações no indivíduo e na sociedade, sem deixar de refletir sobre o método como reagem aqueles que contribuem na legislação moral na construção de espaços públicos e na configuração da hierarquia social. Tais pontos são evidenciados da perspectiva social, política e urbanística realizada a partir da análise da obra literária de Margareth Atwood, "O Conto da Aia". Ainda, para compor a análise, trazemos outros autores que contribuem com o tema, como Michael Foucault, em seu livro "Vigiar e Punir" e George Orwell, em "1984". Os resultados obtidos ao fim deste artigo trazem pontos de vista acerca da sociologia urbana. Dentre esses pontos, chegamos a discussões acerca da individualização forçada que permite controlar com maior domínio e facilidade as personagens da obra de Atwood; sobre o uso do espaço como indivíduo ou grupo, que é amplamente desqualificado pela quebra de confiança no outro e pelo temor que se segue; além de ser discutido sobre alguns fatos pontuais da história que exerceram grande influência na manutenção do poder e da ideia de liberdade, relacionado com o ambiente urbano social até a atualidade.

Palavras-chave: espaço; liberdade; vigilância.

RESUMEN: *La Arquitectura y el Urbanismo como productor estructural indirecto o directo aportan mucho al pensamiento, al confort en la vida de las personas y al uso o no de sus derechos. Por lo tanto, tenemos como tema principal de este estudio un análisis y una reflexión sobre el poder presente en el espacio y sobre la libertad añadida al uso del espacio/tiempo, incluyendo las reacciones en el individuo y en la sociedad, sin dejar de reflexionar sobre la método en el que reaccionan aquellos que contribuyen a la legislación moral en la construcción de los espacios públicos y en la configuración de la jerarquía social. Tales puntos se evidencian desde la perspectiva social, política y urbanística realizada a partir del análisis de la obra literaria de Margareth Atwood, "O Conto da Aia". Aún así, para componer el análisis, traemos otros autores que presentan ideas o conclusiones relevantes al tema, como Michael Foucault, en su libro "Discipline and Punish" y George Orwell, en "1984". Los resultados obtenidos al final de este artículo nos traen increíbles puntos de vista sobre la sociología urbana. Entre estos puntos, llegamos a discusiones sobre la forzada individualización que permite controlar a los personajes en la obra de Atwood con mayor maestría y soltura; sobre el uso del*

¹ Aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIFEBE. E-mail: lorena.correaa@unifebe.edu.br

² Professora Orientadora. (Mestre em Educação). E-mail: suy.moresco@unifebe.edu.br



espacio como individuo o grupo, que en gran medida se ve descalificado por el abuso de la confianza en el otro y el miedo que le sigue; además de discutirse sobre algunos hechos específicos de la historia que ejercieron gran influencia en el mantenimiento del poder y la idea de libertad, relacionados con el entorno social urbano hasta la actualidad.

Palabras clave: *espacio; libertad; vigilancia.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta e analisa a abordagem trazida pela autora canadense Margareth Atwood em sua obra "The Handmaid's Tale", em português: O Conto da Aia, sobre direito, liberdade e poder nos espaços. Nesse estudo, a análise é feita sob a ótica social urbana que engloba o poder regente no direito de ir e vir nos espaços compartilhados e privados, agregado à liberdade de escolha, presente no ideal social em todas as nações e no valor intrínseco de uma sociedade e cidade justa.

O objetivo geral deste estudo é explorar a relevância dos espaços e a contribuição e importância política e social que a forma comumente usual desses lugares pode adquirir no cotidiano das personagens em O Conto da Aia, além de identificar e analisar o modelo urbano redefinido por meio de uma sociedade patriarcal autoritária e os reflexos dessa ditadura moral no comportamento social.

O contexto em que está inserida a narrativa do livro é em uma sociedade distópica, na qual a hierarquia dos poderes está intrinsecamente arraigada e imutável graças a valores forjados que garantem a manutenção de papéis sociais cristalizados e inerentes tão dissociados da realidade comum quanto a moral que o configura e sustenta.

Atwood (1985) concede ao leitor a possibilidade de interpretar a ressignificação dos edifícios e dos espaços e fornece, com base nisso, a incontestável relevância da liberdade e do direito de usufruir e deliberar no meio urbano como cidadão, o que torna possível a caracterização de determinados comportamentos e a sua relação com a liberdade de agir ou a sua ausência, aliados à influência do controle imposto que delineiam os espaços. Nesse contexto, discorre-se sobre algumas obras literárias que apresentam situações



similares relacionadas às questões aqui apontadas, como “O sonho da Sultana” de Roquia Sakhawat Hussain, e “1984” de George Orwell. Utiliza-se como aporte teórico, além dos mencionados acima, Michel Foucault com a obra “Vigiar e Punir”, que auxilia no questionamento acerca da ausência de liberdade.

No início deste estudo, busca-se focar nos espaços na obra de Atwood, que tiveram seu uso desvinculado da história local anterior ao golpe de estado; na sequência, direciona-se a discussão interna para o impacto que essa mudança repentina causou na vida das personagens, sendo o grande foco as personagens das aias. Com isso, essa análise passou a se aprofundar mais na questão da liberdade, motivada pela leitura de Roquia em seu livro “O sonho da Sultana”, questionando o que uma política e uma moral tão rígidos poderiam gerar nos espaços de uma cidade e no mais íntimo dessas personagens, vendo que, paralelo à ausência de escolhas, também está a ausência do direito de usufruir dos lugares, inclusive da memória. A seguir, estuda-se as ideias de Foucault e Orwell de forma breve, mas suficiente para surgir o questionamento mais importante do presente artigo: quais seriam as motivações reais para uma ditadura como de Gilead se instalar com normas tão restritas e inflexíveis, até mesmo para seus dirigentes? E a resposta é, a punição covarde e o controle infundo.

Destrinchando esses momentos singulares do processo de pesquisa e escrita, a análise teórica deste artigo divide-se em dois momentos: O primeiro momento é de caracterização, delimitado a dois pontos principais da análise, sendo eles, o poder e a liberdade, caracterizados pelo espaço, norteando o que será discutido e observado através da lente espacial urbana; no segundo, cita-se trechos do livro que salientam os pontos levantados anteriormente, apresentando as interpretações possíveis de acordo com as referências buscadas e analisando a concepção da autora na construção dos espaços.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O DIREITO À PUNIÇÃO SOCIAL NO URBANISMO DISCIPLINADO

Etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo dis (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais topos (lugar). Num sentido literal, significa forma distorcida de um lugar. Nesse caso, referindo-se a um curso anormal e inesperado de acontecimentos que compõem determinada forma social. Acrescente-se a isso que a distopia não é o contrário da utopia, não se configurando como antiutopia. Visto que ela não é avessa a todo e qualquer tipo de utopia, como se essa fosse essencialmente perigosa e necessariamente descartável. (HILÁRIO, 2013, p. 205-206)

A distopia como gênero literário

[...] consiste em problematizar os prováveis prejuízos caso perdesse alguma tendência política, religiosa ou qualquer ideia de cunho autoritário, da sociedade atual, que possui uma narrativa insubmissa, antiautoritária e radicalmente crítica (SOUZA, 2018, p. 22 *apud* FARIAS FILHO, 2019, p. 28)

A distopia tece a obra de Margareth Atwood em O conto da Aia, abordando figuras emblemáticas de mulheres e homens cujo medo coordenou e constituiu uma sociedade controlada e dedicada a obedecer às leis morais.

Quando falamos em espaços na obra de Atwood, podemos abordar as áreas Públicas e Privadas da cidade de Gilead. No âmbito público, discorreremos sobre as chamadas Colônias e sobre Jezebels, ambos os lugares produzidos para punir quem desobedecer, assim, resguardando a harmonia de Gilead. As Colônias são campos destinados a todo o lixo tóxico da nação de Gilead, e é para onde as mulheres inférteis ou em fase terminal vão para morrer, além de ser uma opção de punir mulheres que já foram de Gilead. Também é para casos em que uma aia cometa alguma desobediência. Sua punição será o trabalho escravo nas Colônias ou nas Jezebels, um bordel secreto para onde mulheres são enviadas para viverem como prostitutas. As prostitutas incluem ex-mulheres de carreira, sociólogas ou mulheres como Moira, que escaparam do Centro Vermelho. Algumas mulheres acham que trabalhar como prostituta em Jezebels é preferível às Colônias, especialmente porque lhes é permitido o acesso a itens proibidos como maquiagem, bebidas, drogas, livros e muito mais. No entanto, ali ainda são degradadas e tratadas como objetos sexuais e não como pessoas, assim como no mundo fora dali, devendo se envolver em relações sexuais com



os comandantes do clube, querendo ou não, e sendo banidas para as Colônias se forem consideradas muito problemáticas.

Exposto esses dois lugares que compõem a nação de Gilead e a sua função no espaço, na vida das personagens e na sociedade no geral, é compreensível compartilhar a teoria de Foucault (2012) em seu livro *Vigiar e Punir*, análogo à obra 1984, de George Orwell (1984), que juntos nos fornecem uma interpretação mais ampla e apelativa de como pode se manter o poder e a hierarquia regente de Gilead, que aguça as redes de poder, controle, vigia e punição da base ao topo da pirâmide da sociedade. De um certo ponto de vista, todas as instituições descritas no Conto da Aia são maneiras de o poder se exercer sobre o outro.

2.2 PANÓPTICA E O JOGO DE LUZ E SOMBRA

O panóptico foi uma alternativa criada por Jeremy Bentham no séc. XVIII às formas existentes de vigilância adotadas em sua época. Basicamente, era uma proposta/ideia provinda do desejo de manter as relações de poder existentes solidificadas e que a manutenção e vigília fosse mantida pelos próprios indivíduos que constantemente eram controlados. Exercida essa ideia, o autocomando não precisaria mais estar fisicamente atento, na vigilância constante, pois, a partir desse método, os prisioneiros se colocariam autovigilantes e pode se tornar possível dar conta de certas ilegalidades que se tornaram insuportáveis para aqueles que agora estão no poder e que não apostam somente na punição.

Essa ideia foi mais tarde desenvolvida por Michel Foucault (2012), que procurava entender os poderes e as ditaduras existentes até os dias de hoje, revelando que historicamente a passagem do tempo nos fez mergulhar em sociedades disciplinares que controlam o comportamento de seus membros por meio da imposição da vigilância e, assim, o poder procura atuar por meio da vigilância, controle e correção do comportamento da cidadania.

Mas o panóptico não se restringiu a uma ideia, consolidou-se e criou forma, estabelecendo, baseado em ideais, uma estrutura arquitetônica projetada





para cárceres e prisões. Essa estrutura era composta por um arranjo circular de “células”, sem comunicação entre elas, em torno de uma torre de vigia onde ficava uma única pessoa que poderia visualizar todas as células, podendo, assim, observar e controlar todos os indivíduos que estavam reclusos. Esses, no entanto, nunca poderiam estar cientes de que estavam sendo observados ou não, dado que a torre era construída de tal forma que, de fora, era vista como opaca, sem saber quem poderia estar vigiando ou se haveria alguém fazendo isso. Assim, os prisioneiros tinham que controlar seu comportamento para não serem punidos.

Em 1948, George Orwell, escritor inglês, escreveu o livro “1984”. Nesse livro, ele se referiu, de acordo com Araújo *et al.*, (2016, p. 30), ao futuro da sociedade que, por sua concepção, seria totalmente vigiada por câmeras. Ele destaca o fato de que as pessoas estariam sendo vigiadas por uma televisão, a qual ele apelidou de “Big Brother”.

No panóptico não é visto quem os vigia, mas todos sabem da existência de um vigia; em O Conto da Aia, todos se vigiam, indo além do princípio inicial de Bentham e, na atualidade, as duas realidades coexistem, pois sabemos que há poderes em exercício, agindo e manipulando a todo instante nossas decisões, mas não sabemos apontar os culpados, nem mesmo vê-los.

Há um tipo de poder nas mãos dos governantes. As redes virtuais de controle existentes podem ser o vigia na torre e os Olhos no carro com vidros fechados de Gilead; eles escolhem o que mostrar e se mostram algo. Isso sempre tem um propósito. No livro Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, os personagens têm dimensão da falta de liberdade para escolher o que querem fazer, mas como poderiam agir diferente daquela realidade meticulosamente articulada? Como poderiam ser um ponto fora da curva? Ninguém poderia optar, em sã consciência, ser a nota desarmônica e o mesmo se aplica em O Conto da Aia, pois a consciência dos poderes não muda a realidade no entorno, mas sim faz temer algo diferente disso. É confortável que tirem o direito de escolher, que definam, delimitem, é um caso ambíguo, mas pode ser uma das razões para as classes se manterem como são, dos poderes existentes sempre estarem fortalecidos e o sentimento de vigilância estar tão imortalizado e enraizado na





sociedade. No fim, o que pode estar em constante progresso é o questionamento: quem me observa e como poderão me punir? Deixando em todos o grande receio da mudança.

Foucault expõe uma relação entre poder, visibilidade e espaço arquitetural construído (RAJCHMAN, 1988). Tal relação faz com que a arquitetura, em suas interconexões com o poder, ajude a visualizá-lo, a manifestá-lo. As construções da arquitetura se valem, portanto, de uma "arte de luz e de visível" endereçadas para as massas marginalizadas e anônimas. (RAJCHMAN, 1988).

Contudo é importante salientar que esses espaços também aprisionam seus agentes. Em O Conto da Aia, essa prisão se inicia nas normas colocadas no dia a dia de cada personagem, que determina a forma de se comportarem o tempo todo, diante das palavras, da forma como se vestem e dos lugares que habitam e compartilham.

A descrição da arquitetura panóptica aplicada às celas e ao alojamento do inspetor feita por Bentham instiga uma observação das características nas normas presentes na obra de Atwood de uma perspectiva diferente. É dado que os personagens se vestem de acordo com um padrão: as aias usam vermelho, que é a cor do sangue e, portanto, da vida. Elas usam vestidos vermelhos com saia e mangas longas o suficiente para cobrir o corpo e sapatos vermelhos de salto baixo. Quando saem, devem usar luvas vermelhas e podem usar xales ou mantos vermelhos se estiver frio ou chovendo. Até os guarda-chuvas são vermelhos. O único item de roupa que elas usam que não é vermelho é a touca de cor branca, que usam na cabeça para emoldurar e esconder o rosto. Essa touca não dá às aias quase nenhuma visão periférica; elas só podem ver o que está na frente. A ideia é impedir de ver, mas permitir de serem vistas. Dito isso, é considerável dizer que o padrão de roupas gera nas personagens o sentimento de igualdade e menosprezo pela singularidade, além da obrigatoriedade de só poder usar essas peças no vestuário. Isso implica condição de nem as suas roupas lhe passarem proteção, afinal é mais um item que afirma a vigilância, suas roupas são suas grades, as roupas denotam ao mesmo tempo a vigia e a visibilidade de cada identidade. A touca que lhes tira a visão para os lados ou para trás, simboliza a prisão interior e exterior de caminhar pelos lugares e não





poder retornar ou adiantar-se, não há segurança em caminhar porque elas não podem observar, buscar, só podem ser observadas, todas são apenas um manto vermelho circulando em torno de suas torres. “Nesse sistema de monitoramento, os próprios observados se autovigiam. Tal situação soma ao poder características que o automatiza e desindividualiza.” (VALVERDE, 1997, p. 14).

Essa ação move e alimenta o temor pelo outro e por si próprio, por seus desejos e impulsos sutis, até que seja mais fácil dominar os desvios éticos que afeta o equilíbrio de uma sociedade utópica. Essa individualização é tão extrema que pode causar aos envolvidos não se reconhecerem mais, o que é bastante presente nos diálogos internos de Offred. Na narração da autora, a personagem questiona até sua própria sanidade, seus valores e as suas reais vontades.

2.3 AUTOGESTÃO E AUTOCENSURA

O uso de mecanismos baseados no mesmo princípio do panóptico permite que o poder não tenha que ser exercido e manifestado de forma contínua por alguém, ele pode ser sempre reafirmado com ações pré-determinadas para cada indivíduo. O espaço e o tempo são controlados estritamente para não permitir desvios de conduta, ignorando e punindo o comportamento social cultural, instintivo e natural dos seres humanos.

“É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (FOUCAULT, 2012, p. 118).

O controle do corpo sempre foi um traço marcante de autoritarismo e uma maneira clara de exercer poder e punição aos indivíduos capazes de trabalhar, criar e sustentar as bases de uma sociedade.

Portanto, a disciplina é estabelecida pela punição, mas também pelos hábitos permitidos, vejamos os horários definidos para cada movimento na vida das personagens em O Conto da Aia e os trajes pré-determinados, que apontam a ausência de poder individual do espaço e do corpo por essas mulheres e a obrigação de agir como é socialmente aceito e estipulado. Além disso, a imagem do Olho distribuído pela cidade remete à vigia e potencializa a submissão e o controle, mesmo que naquele espaço não esteja à vista uma pessoa a vigiar. O





fato de que a vigilância é invisível, isto é, dizer que as pessoas observadas não podem determinar se elas estão sendo observadas ou não, torna o comportamento individual controlado, mesmo quando não é monitorado.

“Em “Vigiar e Punir”, Foucault afirma que ‘o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e a sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame’.” (FOUCAULT, 2012, p. 143).

George Orwell (2009) também discute a respeito da vigilância ininterrupta e da individualização. Influenciado pelas ideias de Foucault, em seu livro “1984”, ele apresenta uma perspectiva muito interessante que pela sua ótica é possível compreender de forma muito mais ampla a vigilância contínua em Gilead e entender o medo das personagens em buscar ajuda, afinal, em quem poderiam confiar quando o medo do vigia faz elas vigiarem a si mesmas?

A multidão, massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas. Do ponto de vista do guardião, é substituída por uma multidão enumerável e controlável; do ponto de vista dos detentos, por uma solidão sequestrada e olhada. (ORWELL, 2009, p. 13)

A respeito de disciplina e monitoramento, podemos pontuar, no romance, as organizações existentes, entre eles, Os Olhos de Deus, também chamados simplesmente de Olhos. Eles são a polícia secreta da República de Gilead, responsáveis por manter a lei e a ordem e erradicar os infiéis ou traidores. Eles dirigem em vans pretas com vidros escuros e usam óculos escuros, suas vans têm olhos pintados nas laterais, ocasionalmente usam acessórios com olhos neles também. Na história, qualquer um poderia ser um Olho e você não saberia até que fosse tarde demais - embora a organização pareça ser composta apenas de homens, é possível que eles usem mulheres como espiãs e informantes. Dito isso, mesmo existindo uma organização em que sua única função é vigiar e punir, fica implícito que não se limita aí a vigilância e que existe a possibilidade de haver espiões que possam estar inseridos dentro das classes mais oprimidas e que não há com quem contar.



Zygmunt Baumann (2001) também reflete sobre o tema da individualização forçada pela fração da sociedade que busca a dominação da massa, e por vezes da individualização como uma reação à constante e feroz globalização e industrialização de culturas e costumes, dito isso, resumidamente e de forma muito simplista a respeito da sua obra *Modernidade Líquida*.

Com isso, a Nação de Gilead, em *O Conto da Aia*, tenta transmitir a imagem de que esse poder exercido sobre as personagens é benevolente, algo que supostamente pretende apenas “corrigir” e “reformatar” a sociedade, nunca apenas puni-la. Isso, porém, revela a intolerância crescente contra qualquer desvio das normas criadas de comportamento direcionadas ao avanço da liberdade das mulheres, que são, na narrativa, extremamente punidas e abusadas.

2.4 A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL E O DIREITO À LIBERDADE

A discussão abordada neste estudo foi baseada em dois pontos concebidos por meio da percepção do uso dos espaços. Esses pontos conversam entre si. O primeiro é o poder assimilado pela configuração física dos lugares e virtualmente das classes, além dos sentidos e da memória. O segundo ponto observa a liberdade que surge das ações passadas e da forma como era usada e por quem, indo além, analisando o tipo de serviço que havia e a sua disponibilidade, a frequência de uso e a qualidade emocional vinculada. Por essa perspectiva, o passado dos lugares contrapõe a configuração de Gilead, no contexto físico e virtual (emocional), que pune e elimina quaisquer variações de liberdade, caracterizando-se pelo uso predeterminado e disciplinado desses espaços.

O poder que os espaços apresentam na ficção de Atwood indicam autoridade, disciplina, controle e subordinação. Os lugares privados também serão observados, mas a análise central é acerca do espaço público, pois, além de ser usado por todos os personagens da história de formas distintas, o espaço público é o que engloba todas as formas de divisão da classe social e todos os poderes atribuídos, seja o físico, que pode ser sentido; e o percebido, que ocorre





por meio da percepção de cada um, logo, sofrendo várias interpretações, fluindo pelo uso dos locais, seguindo ordens diferentes ou iguais, sofrendo abusos diferentes ou iguais, indiferentemente, as sensações são dirigidas pelos agentes da agressão e pelo espaço adotado para agredir. Além disso, as personagens são influenciadas por alguma ação rotineira, reforçadoras da segregação das classes e da dominação presente, ou até mesmo a ausência de alguma ação, que possa referenciar ao passado desses lugares. Tais sensações também são transmitidas pela sua organização social, ou seja, que tipo de pessoa usa determinado espaço e como usa e, por último, os espaços são sentidos pela intensidade de vigilância conforme a necessidade, visando a alguma prática social realizada.

Para apresentar a discussão a respeito da liberdade, consideramos as ruas e edifícios públicos/comerciais e seus usos, comparando a configuração de ambos no sentido físico e social, antes e depois de Gilead. No romance, é dito que os prédios que eram sorveterias ou lojas femininas se tornam, com a reforma social, mercado de carne e peixe ou são demolidos. Observando esse ponto, notamos a influência do espaço construído para ditar comportamentos, dito que, tanto para as aias quanto para as outras classes femininas, não existe a disponibilidade variada de lojas e artigos. É permitido, por exemplo, uma loja de vestidos para as aias, que não contém um nome comercial, sendo no caso, o símbolo de um lírio que a diferencia de qualquer outra loja. Nesse exemplo, podemos perceber a falta de escolhas, seja estabelecimentos ou roupas, mesmo sendo um retrato claro e simples, descreve muito bem o impacto que tem na sociedade a exclusão da liberdade de escolha, como método de punição ou solução dos problemas gerados pelo excesso de liberdade. A exemplo do espaço compartilhado com todos os níveis sociais, no caso, a rua, nota-se a disparidade com o uso no passado, quando no livro, Atwood deixa claro a vigilância constante e dominadora dos "Olhos" e dos Guardiões.

2.5 AUTONOMIA ESPACIAL E SOCIAL





Prosseguimos a discussão a respeito da liberdade. Inicialmente, sobre a liberdade de escolha, de expressão e o direito de exercê-los. A internet e as notícias são fortemente censuradas e muitas vezes incluem propaganda para promover os ideais e valores de Gilead, enquanto demonizam seus inimigos. Como resultado, é difícil obter informações confiáveis. Para desencorajar as mulheres a ler escritos públicos ou nomes de qualquer tipo, todas as palavras são removidas. A informação é retransmitida por sinais com imagens. Qualquer arte, filme, música, livros e qualquer material publicado é proibido de imediato e qualquer pessoa que possua esses itens é severamente punida, por exemplo, condenada à morte.

A Ficção Científica sempre mostrou que há outras possibilidades para o nosso futuro, seja em relação à tecnologia ou à sociedade. O sonho da Sultana, escrito no ano de 1905, é considerado um clássico da ficção científica feminista, sendo um dos primeiros contos desse subgênero. Historicamente é imprescindível sua leitura para quem transita na busca por conhecimento do tema, pois aborda as pautas feministas, ampliando e elucidando a discussão, com uma temática ficcional e abrangente, como Atwood (1985) o faz, porém com uma linguagem visionária como solução para a desigualdade. Roquia (2014) reconfigura sua realidade com ironia, humor e sátira, criando um lugar em que as mulheres não estão mais presas a "zenana" (uma parte da casa reservada exclusivamente às mulheres da família), mas livres, exercendo tudo que os homens se permitem fazer.

A razão de comentar sucintamente sobre o livro é devido à questão da liberdade abordada pela autora. No conto, a protagonista indiana chamada de "Sultana" vislumbra, através de um sonho, um mundo oposto ao seu. Ante a embriaguez da realidade em que vive, ela encontra a alternativa para os problemas que sua sociedade enfrenta, como a discriminação e a opressão, principalmente com as mulheres, por meio de uma conversa em um trajeto com uma amiga chamada Sara na "TerraD'Elas" ao encontro com a rainha.

Essa descrição que Roquia (2014) faz dos espaços que a protagonista atravessa no conto até enfim encontrar com a Sultana cria uma disparidade ainda maior das duas realidades em que ela está. Fora do sonho, a Sultana e



todas as mulheres estão presas na zenana, limitadas por afazeres da casa, sem poder estudar ou escolher quando e com quem se casar, enquanto no sonho quem está preso a essas delimitações são os homens. Outro ponto claro e importante para observar na narrativa de Roquia (2014) para com a de Atwood (1985) é sobre como o detentor do poder indica como se dão os espaços, acentuando ou não a necessidade de uma reforma no que tange ao espaço físico da cidade e ao espaço social que, no caso de Atwood (1985), salienta as desigualdades hierárquicas e reforça o controle e o medo, mas para Roquia (2014), os espaços reformulados pela sociedade em vez de apenas uma classe, revelam a liberdade de ir e vir para as mulheres, meio a espaços tão agradáveis quanto ausentes de traços de repressão ou punição a algo ou alguém.

2.6 ANÁLISE SISTÊMICA

Em seu livro, "A teia da vida", o físico teórico e escritor Fritjof Capra (2006) debate, dentre vários assuntos, uma teoria sobre como os impulsos sociais são reflexos de uma compreensão comum do que é realidade e como essa forma de ver e interpretar as conexões do entorno refletem em nossas decisões e atitudes. Ele relaciona a visão sistêmica como ambiente vivo ao contexto social e ecológico do ser humano. Assim sendo, é insustentável analisar um contexto distópico como de Atwood e não recorrer a um ponto de vista sistêmico, ou seja, mais profundo de compreensão. As formas de ação, criação e destruição que os seres humanos se permitem distinguir está muito relacionado à forma como ele possui ou tenta possuir o espaço e as coisas em torno de si. Para Capra (2006), do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções sustentáveis, em que a mudança na organização social – como mulheres assumindo posições importantes na sociedade e no trabalho, por exemplo - faz-se necessário para a verdadeira mudança de paradigma. Capra (2006) aborda os sistemas mais primitivos encontrados na natureza, como o ciclo infinito de sustentação da vida, que inclui o ser humano e as redes que ele faz, chegando a refletir, também, sobre as suas inclinações políticas e organizacionais, envolvendo ética, consciência social ou a ausência dela.



O poder, no sentido de dominação sobre outros, é autoafirmação excessiva. A estrutura social na qual é exercida de maneira mais efetiva é a hierarquia. De fato, nossas estruturas políticas, militares e corporativas são hierarquicamente ordenadas, como os homens geralmente ocupando os níveis superiores, e as mulheres, os níveis inferiores. A maioria desses homens, e algumas mulheres, chegaram a considerar sua posição na hierarquia como parte de sua identidade, e, desse modo, a mudança para um diferente sistema de valores gera neles medo existencial. (CAPRA, 2006, p. 28)

Essa percepção do autor é muito interessante para visualizar o cenário de Atwood (1985) por essa concepção mais holística de análise do contexto social em que a hierarquia pode ser estudada também como forma de apego à atual organização social, e que convém com a comodidade de não correr riscos, por exemplo, o risco de perder o lugar em uma classe, mesmo que isso não seja bom para os envolvidos e que abasteça cada vez mais as desigualdades.

É importante quando ele se refere à "identidade" forjada pela hierarquia, porque recorda os lugares em que estão cada personagem no livro e como são cristalizadas na sociedade de Gilead essas classes sociais, tanto que qualquer chance de fissura ou desobediência, por mínima que seja, de qualquer um dos personagens, pode levar à pena de morte. Isso se aplica aos Comandantes, Guardiões, Esposas, Marthas e às Aias: quando é conveniente, um entrega o outro para receber algum benefício ou ser visto como de confiança. Nesse momento, o controle já não vem da classe dominante, a própria base já faz o que por repressão foi legislado, sem precisar de uma coerção direta. As Marthas também são um exemplo claro: quando depreciam ou fazem pouco caso das Aias, mostram que não há sempre a união de classes diferentes, mesmo que ambas oprimidas, não desenvolvem o que não seja para mérito próprio, a ajuda necessária para fugir de uma situação desagradável, pois o medo de perder a vida ou um cargo e se rebaixar ainda mais na pirâmide social é muito grande. Logo, a consciência de classe na hierarquia torna os personagens mais aflitos com suas limitações e atribuições.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



O método analítico adotado para as fontes e autores é bibliográfico, buscado por meio de livros, e-books, TCC, artigos e textos que abordam pontos importantes representando a ótica de análise do romance e os argumentos e ideias que são discutidas. As referências bibliográficas e citações destacam a narrativa de Margareth Atwood com temas similares que agregam e influenciam diretamente a elaboração dos argumentos, com isso, vale ressaltar que os temas secundários adotados neste estudo são selecionados com o intuito de envolver o leitor a ideias adjacentes capazes de contribuir profundamente aos questionamentos a respeito do uso do espaço, liberdade e censura. O método é recorrer a mais percepções do assunto, indo além da arquitetura e urbanismo, englobando as ciências psicológicas, sociológicas e sistêmica, adquirindo um olhar voltado para as questões sobre liberdade, punição, poder e política na sociedade.

Foi por meio de leituras e análise crítico-reflexivas que se baseou a pesquisa bibliográfica. Contudo, é importante dizer que a inserção das ideias apresentadas na pesquisa é definida para abranger a visão político-social de outros autores, por exemplo, é destacado a obra Vigiar e Punir de Foucault, que fornece uma análise potencial para o artigo, pois o autor também buscou discorrer no livro as ações históricas de alguns personagens e a criação realizada do espaço por eles.

Quanto à classificação deste artigo, foi definido, durante a exploração do tema abordado, que as fontes têm uma configuração exploratória e descritiva, garantindo prover o tema de uma perspectiva pouco discutida que é através do olhar da arquitetura e da promoção dos espaços e os inúmeros poderes vinculados a ele.

Segundo Macedo (1994, p. 13 *apud* SOUSA *et al.*, 2021, p. 67), a pesquisa bibliográfica “trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”. Dessa forma, para Lakatos e Marconi (2003, p. 183 *apud* SOUSA *et al.*, 2021, p. 67): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame

de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No livro O Conto da Aia, a arquitetura e o urbanismo se distorcem para configurar a realidade intolerável de Gilead, mantida por meio de regras de conduta tão rígidas quanto o cenário em que a narrativa se desenrola. É o foco da autora a exploração da identidade e a liberdade das mulheres, uma vez que são elas as mais afetadas com os abusos e as restrições: as regras foram feitas de fato para mantê-las sempre sob controle e em posse de um homem, sustentadas socialmente e moralmente por uma doutrina cristã extremamente forçada que seria em base o fundamento principal que não só sustentaria os objetivos da nova nação, como minimizaria os abusos sofridos pelas personagens. Mas essas regras também se opõem a todo tipo de liberdade conhecida no passado, liberdade de gênero, estilo de vida e questionamento de ideias, sufocando junto o constante progresso feminino, que foi extinto e reprimido do vocabulário social. A arquitetura de O conto da Aia censura o passado, nega sensações oriundas da imaginação e memórias dos espaços como eram antes, molda o cotidiano e rompe com a liberdade de poder escolher o que se quer ver, permite mirar a curta distância de uma esquina e cria uma barreira para avistar o horizonte.

E é a partir disso que podemos ver o poder que provém da liberdade no direito ao uso dos lugares e o poder dos agentes que determinam como será configurado esses espaços e de que maneira serão usados.

O temor que a base da pirâmide causa em poucos homens, leva-os a potencializar o controle, por meio da vigilância constante, da inserção de espiões, olhos que veem, mas não são vistos, e da punição, que tem várias formas, sendo a mais intensa aquela que novamente não pode ser vista, apenas sentida, e a todo tempo, pela descrição das personagens do conto da aia. É uma punição intocável e incontrolável, pois é emocional, é a autocensura, a



autogestão dos martírios, é o questionamento da identidade que um dia existiu e das ações que foram feitas e que parecem levá-las até ali.

Como no romance é retratado, negar a liberdade e os direitos individuais direciona a sociedade para um único caminho, a decadência social, impregnando o totalitarismo e a pobreza de diversidade. Muito, porém, é discutido a respeito da liberdade individual de expressar o que se pensa, independente do que isso gera na sociedade, mas a discussão acerca da importância da escolha e da multiplicidade no espaço urbano não se faz, nem como a autonomia de agir de acordo com a sua vontade tem um poder intrínseco e espacial de grande valor.

A utilização e a decisão de como usar os espaços da cidade, sejam privados, como as residências, ou públicos, como praças e mercados, indicam o valor da liberdade e como ela é interpretada, ao passo que as relações de convívio nesses lugares fundamentam e apontam a estrutura social e política efetiva. Assim, há um ciclo constante e meticulosamente regulado, com agentes que transformam e geram novos espaços, articulando ou fortalecendo hierarquias, e por essa razão não se discute arquitetura e urbanismo sem que seja mencionado o poder político, a determinação e segregação das classes e sociologia urbana.

No contexto da ausência de liberdade, controle, vigilância e punição descritos na obra de Atwood, foi muito útil o material utilizado para a análise, pois trouxe fundamento para os conflitos levantados, principalmente quando visados pela ótica Panóptica. Notamos que a evolução histórica do conceito de punição está estreitamente ligada à relação do poder político com os corpos, mais precisamente no que se refere à maneira como o poder é exercido para o domínio, controle e sujeição desses.

O Conto da Aia nos leva a crer, refletindo a abordagem de Foucault, que a sociedade como é desenvolvida no Conto da Aia, é puramente punitiva, pois ela não só determina as ações das personagens e instala uma doutrina moral, como pune toda a história presente nos espaços, além de as identidades femininas que mais agregaram poder na sociedade. E foi essa configuração presente em todas as classes de O Conto da Aia: a vigilância generalizada e a





punição em todos os espaços e para todas as pessoas, instaurando principalmente a autogestão do medo, a autocensura e a autovigilância.

A análise de Foucault não elimina a necessidade de legislar sobre crimes ou construir espaços de reeducação, ela instiga os questionamentos em torno da história de como se fazer justiça, de como agir diante de um erro de um cidadão na sociedade, continuando a ser um lembrete importante de que não é só o desejo de justiça que move esse tipo de iniciativa, mas também o desejo pelo controle daqueles que muito provavelmente já desistiram ou nunca quiseram reformar de fato as atitudes existentes, as reações provenientes de sistemas que não são possíveis de serem reformulados, restando, assim, do ponto de vista dos "homens no poder", a maior arma de controle: a vigilância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura e o Urbanismo são delineadores de espaço e tempo, criando e direcionando as funções sociais do indivíduo para com a cidade e vice-versa, pois os lugares têm o poder de atrair e repelir. Por essa razão, sempre foi uma ferramenta muito usada nas artes, nas pinturas, filmes, livros, como uma peça fundamental para dizer o que se pretende por meio dos cinco sentidos, propiciando, além da arte e da política verbal, muitas vezes o poder na atemporalidade física e imaginária.

Ainda, a Arquitetura e o Urbanismo são uma tecnologia que age direta ou indiretamente na cidade, contribuindo ou desvalorizando o valor do espaço e do uso. Sua interferência é muito grande na vida das pessoas, isso ocorre pelo fato de que o ser humano sempre precisou organizar, por exemplo, as ideias, as imagens, os sons, tudo dentro da mente. O espaço que provoca todas essas reações e outras a ele não se faz possível organizar virtualmente, logo, surgiu a necessidade de organizar o espaço externo, o mundo. E essa vontade, esse anseio não para, é constante, e foi se moldando a partir de todas as evoluções que as sociedades já passaram, a burguesa, a industrial, francesa, também pelo que passaram, como guerras e devastações naturais. A evolução organizacional





sociológica urbana tem contexto com data e hora, que preserva, mantém, destrói e aniquila, como toda ferramenta humana de criação.

Por isso destacamos, neste estudo, a reflexão do ponto de vista sociológico urbano que atravessa os conflitos da sociedade. Sobre o poder presente no espaço e na autonomia de poucos vigilantes da censura e da ordem, a obra *Vigiar e Punir* contribuiu profundamente para apresentar uma perspectiva das razões que levam algumas pessoas a instalarem uma disciplina tão rígida sobre toda uma sociedade, mostrando também como é possível tantas outras se tornarem tão frágeis e passivas diante de tanta regra e conteúdo moral absurdo para uma vida que possa ser vivida naturalmente, sem pré-requisitos, obrigações e, acima de tudo, medo.

O que pretendíamos com esse estudo era contribuir para com outras análises acerca da mesma obra ou assuntos similares, refletindo sobre o conceito de liberdade, principalmente da perspectiva urbana, em que naturalmente se usufrui do espaço urbano com pouquíssimas restrições, contrapondo a narrativa do livro, que se apoia em uma ditadura moral. Além de os poderes associados ao espaço, que apresentam um conjunto de agentes e pontos nodais, foram avaliadas cada reação social/ política do ponto de vista sociológico urbano para fazer entender as ações dos indivíduos que se comportam de formas tão distintas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G.T. *et al.* Panoptismo: vigilância cotidiana. **Jornal Eletrônico**, p. 28-38, dez. 2016.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução: Ana Deiró; Rocco, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BENTHAM, J. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.



FARIAS FILHO, Alexandre Carlos de Albuquerque. **Blessed be the Fruit: O Totalitarismo e a Representação dos Espaços em The Handmaid's Tale.** 2019. 103f. TCC (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo), Centro Universitário de João Pessoa, João Pessoa, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramalhe. 39. ed. Petrópolis.: Vozes, 2012.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária**, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HUSSAIN, Roquia Sakhawat. **O sonho da Sultana.** Tradução: Lady Sybylla; Universo Desconstruído, 2014.

ORWELL, George. **1984.** Trad. Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAJCHMAN, J. (1988, primavera). Foucault' art of seeing. *October*, 44, p. 88-117. DOI: 10.2307/778976.

SOUSA, A. S. *et al.* A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83/ 2021.

VALVERDE, João Batista. **Funcionamento do poder e dispositivo disciplinar em Foucault.** Goiânia: Fragmentos de Cultura, 1997.